

A PSICANÁLISE EXISTENCIAL DE SARTRE ENQUANTO OLHAR ALTERNATIVO PARA O HOMEM

Luis Carlos Ribeiro Alves¹

RESUMO:

Este artigo analisa a possibilidade de uma passagem da psicanálise freudiana à psicanálise fenomenológica existencial de Sartre a partir das noções de ego e consciência, fundamentais para a constituição do sujeito humano. Compara e apresenta as duas teorias, mostrando as influências e os embates entre ambas e enfatiza a mudança de olhar que é inerente à compreensão do homem pensada por Sartre.

Palavras-chave: Consciência. Ego. Homem. Psicanálise.

ABSTRACT:

This article analyses the possibility of passage of freudian psychoanalysis for phenomenological existential psychoanalysis of Sartre to come of the basic knowledge of *self* and *conscience*, fundamental of the formation of human subject. It compares and presents tow theories, it shows influence and shocks between and it emphasizes the change of linked look to human understanding think by Sartre.

KEY WORDS: Conscience. Man. Psychoanalysis. Self.

1. Introdução

Este nosso trabalho objetiva apresentar uma análise sobre a possibilidade de uma passagem da psicanálise de tipo empírica, fundada pelo médico vienense Sigmund Freud (1856-1939) à psicanálise existencial inspirada no método fenomenológico e idealizada pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), a partir dos conceitos e formulações traçadas por estes a respeito do *ego* (o eu) e da *consciência*, conceitos estes fundamentais ao estudo do sujeito humano e de sua condição, seja de um ponto de vista mais antropológico ou mais psicológico, ou ainda como Sartre o faz, um misto de antropologia e psicologia, esta que é a nossa intenção.

Apresentaremos inicialmente o tríplice esquema freudiano de *id*, *ego* e *superego* que vem influenciando as diversas teorias que se dedicaram a estudar a realidade humana depois de sua criação; inclusive a teoria sartreana. Tomaremos por base a teoria freudiana para

¹ Pós-graduando em Ensino de Geografia e História pela Faculdade Vale do Salgado – FVS e em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter. Bacharel em Filosofia pelo ITEP-CE.

entendê-la melhor, apresentando as principais influências das teorias de Freud sobre ela, como também as críticas que Sartre faz à psicanálise empírica, principalmente no que se refere à constituição do sujeito, como também apresentaremos as respostas que Sartre elabora na tentativa de oferecer uma solução, ainda que não definitiva, dos problemas que ele encontrara na psicanálise freudiana, como também levanta uma crítica a outros analistas que apesar de se contraporem a Freud, não foram capazes de efetivar uma oposição ao determinismo deste.

O fato de termos escolhido estas duas teorias, consideradas tão contraditórias, se dá pelo fato de influenciarem fortemente na atualidade à diversos métodos de análise em clínicas psicológicas, de modo especial daqueles que trabalham com a chamada psicologia fenomenológica e ainda com o ramo específico desta, a existencial, inspirada no método progressivo-regressivo sartreano, dada a eficácia destas no tratamento do sujeito psicologicamente debilitado como também no tratamento que fazem do indivíduo em relação consigo mesmo e com o mundo, seja pelo tratamento de traumas psicológicos, seja pela valorização do sujeito como livre e autor-responsável de sua própria história.

Portanto é mais que necessário, para que se tenha uma compreensão deste novo olhar analítico produzido a partir da antropologia filosófico-psicológica do *Para-si* como homem e consciência (de) liberdade elaborada por Sartre ao longo de suas obras que se tome como pressuposto a teoria de Freud, especificamente nos pontos que já assinalamos anteriormente e que são fundamentais ao desenrolar de nosso trabalho.

2. O tríplice esquema da personalidade, sua relação com a consciência e a formação do sujeito.

Neste tópico de nosso trabalho trataremos de apresentar o esquema freudiano da personalidade formado pelas estruturas do id, ego e superego e a relação que este esquema possui com a consciência e com a formação do sujeito humano. Em *Esboço de Psicanálise* Freud afirma em relação a sua teoria que

A psicanálise faz uma suposição básica, cuja discussão se reserva ao pensamento filosófico, mas cuja justificação reside em seus resultados. Conhecemos duas espécies de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou nossa vida mental): em primeiro lugar, seu órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou sistema nervoso) e, por outro lado, os seus atos de consciência. (Freud, S. 1978:199)

A partir de afirmações como essas de Freud é que muitos o criticaram por sua teoria não constituir-se de fato como uma teoria científica, e ainda nos moldes da filosofia da ciência de Karl Popper, que se propôs a demarcar o limite entre ciência e não-ciência onde poderia ser definida como científica uma teoria que apresentasse possibilidade de falseamento, reconhecendo

Um sistema como empírico ou científico apenas se ele for passível de comprovação pela experiência. Essas considerações sugerem que deve ser tomado como critério de demarcação, não a verificabilidade, mas a falseabilidade de um sistema [...] deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico. (Popper, K. 2002: 42).

Embora Freud em seu texto já derrube este tipo de tentativa de refutação a partir de um critério de demarcação científica, ao afirmar que sua teoria, embora apresentando uma suposição basicamente filosófica tem sua fundamentação nos resultados que produz no trabalho analítico da personalidade, a partir do novo conhecimento que se produz do humano a partir da experiência clínica.

Sigmund Freud elaborou seu esquema de estruturas básicas da personalidade em *id*, *ego*, e *superego* a partir de um estudo mais avançado acerca de sua primeira divisão passando por uma reformulação desta, que consistia em consciente, pré-consciente e inconsciente, dos quais o mais importante seria o inconsciente, pois este se constituiria em uma parte maior que os demais e principalmente por ser invisível, poderia ser o depósito e a fonte de todas as nossas emoções, e por isso enfoca aí sua teoria psicanalítica, colocando neste ponto o seu olhar de forma mais aprofundada. Toda essa estrutura da personalidade tem sua força e origem concentrada na energia da libido, ou seja, na energia proveniente do instinto sexual. O *id* seria “o reservatório dos instintos e da libido [...] está diretamente relacionado à satisfação das necessidades corporais” (Schultz, D. e Schultz 2006: 50), este *id*, transmissor das influências hereditárias, principalmente dos instintos (*triebe*) que podem ser classificados em dois tipos; os instintos de morte de natureza destrutiva e Eros ou libido que se constitui na única força construtiva do homem. “O *id* nada mais é, na concepção de Freud, que a fonte inconsciente e inorganizada da libido; compreende os impulsos e desejos que não são aceitos na vida consciente [...] (recalcados)” (Nuttin, J. 1958: 59) que de certo modo é dominante na criança e daria origem durante o processo de desenvolvimento a duas outras estruturas: o *ego*, a parte da personalidade responsável pela relação entre o *id* e o mundo, surgido justamente a partir desta relação já que o *Id* se chocaria ao relacionar-se diretamente com a realidade, seria

uma parte evoluída do *Id*, fruto da relação com a realidade e que na relação com o mundo se posicionava de modo a estabelecer a autopreservação e, como Freud afirma em seu *Esboço de psicanálise* “o ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer” (Freud, S. 1978: 200), ou seja, o ego busca constantemente evitar a ansiedade, em seu benefício próprio; já o superego seria um conseqüente destes e surgiria a partir a partir das influências da sociedade sobre a personalidade do indivíduo, principalmente da família durante o complexo de Édipo, influências estas que ficariam nos arquivos do inconsciente, que tratariam de por o sujeito sempre diante dos fatos traumáticos que marcariam toda a sua vida. Uma ação por parte do ego seria o que deve ser se conseguisse ao mesmo tempo satisfazer o id, o superego e a realidade.

Deste modo a consciência para Freud seria um modo de controle construído através dos traumas, seria uma parte do superego que de certo modo controlaria as atitudes do sujeito com base no que estivesse armazenado em sua memória como fatos positivos ou negativos, ou traumas conseqüentes de punições ocorridas na infância e que de certo modo estariam armazenados no inconsciente. Assim a constituição do sujeito humano para Freud estaria centrada no inconsciente e o consciente estaria de certo modo a serviço do inconsciente.

O sujeito se veria constantemente ameaçado pela ansiedade, o que levaria a construção de mecanismos de defesa, tais como a repressão, a negação, projeção, deslocamento, sublimação, entre outros, mas isso não se daria de modo consciente, mas seria produzido de forma inconsciente pelo sujeito a partir dos dados de seu inconsciente. Na psicanálise freudiana “é tarefa do analista tirar constantemente o paciente da ilusão que o ameaça e mostrar-lhe sempre que o que ele toma por uma vida nova e real é um reflexo do passado” (Freud, S. 1978: 222). A Freud, como ele próprio afirma, essa vida ilusória que o sujeito imaginaria ter, que é reflexiva do passado, se formaria sempre na infância do sujeito: “até a idade de 6 anos”.

Assim, como vimos o ego tem para Freud um papel de coadjuvante na formação do sujeito, dado que o temos como um produto do conjunto de seus instintos e desejos em relação com o mundo de modo a evitar a ansiedade, o sujeito, portanto não seria autônomo em relação a si mesmo, visto que sua formação se dá exclusivamente no período de sua infância. O método psicanalítico de Freud se dirige principalmente á descoberta do estado neurótico ou psicótico no qual o sujeito se encontra, e visa especificamente de fortalecimento do “ego enfraquecido, tem como ponto de partida o autoconhecimento” (Freud, S. 1978: 223); apesar

dessa descoberta do estado neurótico ou psicótico do sujeito a psicanálise de Freud se dirigirá especificamente ao tratamento das neuroses, pois nestas é mais fácil de estabelecer um pacto com o paciente do que no caso de psicoses.

Outro fator considerado por Freud fundamental para a determinação de sujeito é a sexualidade, que segundo ele já se faria presente no indivíduo desde os primeiros anos de vida de forma determinante, até mesmo nas relações familiares e, conseqüentemente na determinação do indivíduo adulto, enquanto sujeito frente ao mundo e sua relação com este. Sobre a consciência e sua relação com o Ego no pensamento de Freud afirma Maria Aparecida em sua tese de doutoramento em filosofia, recém lançada em livro:

A consciência não coincide com a organização que Freud denomina de eu. Antes constitui uma ínfima porção das operações psíquicas, suposta como um dispositivo com duas funções básicas: emitir sinais que deverão informar o eu quando se estiver diante de uma percepção ou de uma representação; receber os sinais referentes à serie prazer-desprazer (Montenegro. M. A. 2002: 106).

A Partir dessa breve apresentação do pensamento de Freud passaremos a uma análise da importância dos conceitos de Ego e consciência na constituição do pensamento psicológico-antropológico do filósofo francês Jean-Paul Sartre, tomando, portanto o que acabamos de apresentar sobre Freud, de certo modo, como pressupostos para a análise a que passaremos adiante.

3. Principais concepções da psicanálise existencial: o papel da consciência.

Como já assinali anteriormente, as idéias psicanalíticas de Freud influenciaram a inúmeros teóricos da condição humana, entre eles o filósofo francês Jean-Paul Sartre, que encontrando alguns problemas nas teorias psicanalíticas empíricas, dentre elas a de Freud, procurou apresentar a sua própria reflexão, tomando como ponto de partida as suas reflexões antropológicas anteriores. Já em sua primeira obra filosófica *A transcendência do Ego*, Sartre afirma a constituição do ego de uma forma diferente do que vinha sendo conceituado pelos psicólogos e por seus mestres da filosofia francesa e, anunciando, de certo modo sua futura psicanálise existencial que desenvolveria mais detalhadamente em *O Ser e o Nada*. Em *A Transcendência do Ego* já apresenta sua noção afirmando que

O ego não é, diretamente, unidade das consciências refletidas. Existe uma unidade imanente destas consciências: é o fluxo da consciência que se constitui ele mesmo como unidade dele mesmo [...] o Ego é unidade dos estados e das ações – facultativamente das qualidades. Ele é unidade de unidades transcendentais e é ele mesmo transcendente. (Sartre, J-P. 1994: 59).

O que Sartre procurará desenvolver em toda a sua carreira filosófica, se o procurarmos entender a partir da totalidade de suas obras, será uma reflexão muito mais voltada para uma psicologia, que propriamente para uma filosofia, visto que sua preocupação central está no homem como condição de possibilidade que é, como ser contingente sempre em construção, sempre constituído de inúmeras possibilidades diante de si mesmo, do mundo e do outro. Como supracitado Sartre já em sua primeira obra filosófica assinala para uma reflexão psicológica e antropológica, projeto que dará continuidade em suas demais obras, ainda que se possa encontrar pequenas variações no decorrer do percurso por estas, que englobam desde a filosofia à literatura, passando pelo teatro, pelo cinema e biografias; nos quais ele sempre procurará defender uma visão antropológica da liberdade humana, marcada fortemente pela responsabilidade. Na literatura e no teatro ele fará uma análise do homem, que ele chamará *em situação*, ou seja do homem, não enquanto tal, como o fizeram os metafísicos clássicos, mas antes de tudo como o homem que vive presente no mundo, marcado por diversos sofrimentos e dificuldades, em meio aos diversos sofrimentos existenciais.

É a partir de tal reflexão antropológica que Sartre desenvolverá a sua alternativa à psicologia empírica, que segundo ele só buscava à uma determinação do sujeito e seu enquadramento naquilo que a teoria afirmava, ou seja, trazia o sujeito para a teoria e não levava a teoria para o sujeito; pretende ele pois a partir de sua alternativa, e o faz quando escreve, tanto a biografia sobre Flaubert como nas suas diversas obras literárias, como por exemplo, em *A Náusea*, onde ele faz uma análise psicológica do personagem Antoine Roquentin, ante sua situação de liberdade, abandono e responsabilidade diante das diversas possibilidades que se lhe apresentam a cada momento e às decisões que precisa tomar; ou ainda na trilogia *Caminhos da liberdade*, onde desenvolverá uma análise reflexiva de Mathieu e outros personagens diante das relações com os outros e com a sua liberdade. Assim como o psicólogo empírico Sartre na apresentação normativa de sua psicologia existencial e fenomenológica afirma considerar todas as manifestações perceptíveis da vida psíquica. O ponto de partida tomado por Sartre nessa elaboração é o questionamento acerca do fim, aqui compreendido como utilidade, do homem, Para-si, fim que por si mesmo ele considera

questionável, este homem Para-si que se projeta rumo à um Em-si que quer ser, que deseja e que de certo modo concebe tudo conscientemente.

Na concepção de Sartre o homem é plenamente consciente de si e das relações que constrói com o mundo e com os outros, não reservando em sua teoria nenhum espaço para o inconsciente, que é tão forte na perspectiva freudiana. A Sartre parecia até mesmo a crença na existência de uma parte inconsciente uma prática de má-fé, pelo fato de se afirmar que o inconsciente age por meio dos instintos, tirando portanto a responsabilidade do homem sobre si mesmo, sobre suas escolhas e a construção da própria personalidade, através da afirmação do projeto fundamental ou original, pelo qual o sujeito se guia frente as inúmeras possibilidades que se lhe apresentam, configurando esta atitude de má-fé como uma espécie de fuga de si em si mesmo e da liberdade por parte de homem; tentando didaticamente caracterizá-la, e por isso de forma bem superficial: “a má-fé pode ser entendida como uma **mentira de si a si mesmo**”² (grifo do autor), mentira esta que Sartre assemelhará a crença qualquer entidade que tire do homem a liberdade e a responsabilidade, dentre elas está o inconsciente da psicanálise, que se apresenta aqui como uma prática de má-fé, pelo fato de se apresentar como uma forma originária de toda a realidade humana, de modo a promover uma fuga à liberdade e à responsabilidade do homem por seus atos do presente, a má-fé só seria possível “*porque o ser humano é aquela espécie singular que se encontra no limite entre o ser e o não-ser*” (Santos Belo, R. 2003: 47) e por isso para Sartre o homem só realizar-se-ia no presente, em situação, pois é na situação concreta que o sujeito se defrotará com a angústia, a liberdade e as escolhas, o que Sartre chamará de temporalidade.³

Por consciência no existencialismo sartreno temos a definição clara de que “não é um modo particular de conhecimento, chamado sentido interno ou conhecimento de si: é a dimensão transfenomenal do sujeito[...] Toda consciência, mostrou Hursel, é consciência de alguma coisa” (Sartre, J-P 2000: 22) o que significa dizer que toda não pode existir

² Burdzinski, Júlio C. Má-fé e autenticidade, 1999, p.37. Na expressão de Arias Muñoz em sua obra *Jean Paul Sartre y la dialéctica de la cosificación* p.210. “mala fe es una conducta de huida de aquello que el hombre es. En realidad, es una de las conductas que el hombre adopta para ocultarse a si mismo su ser. Expresión de una vocación de autoalienación. Sartre la definirá como ‘mal ontológico de la conciencia.’ Assim a má-fé se expressará como um mecanismo de fuga criado pelo homem contra si mesmo, onde se mente de tal modo que toma por verdadeira sua ‘mentira’ representando ao mesmo tempo o papel de enganador e enganado. A má-fé difere da mentira pelo fato de na mentira o mentiroso está totalmente a par da verdade que esconde.

³ É entendida por Sartre em um sentido diferente do tomado por Heidegger, não como instantaneidade, mas como momentos estruturados de uma síntese original; só seria possível um estudo da temporalidade se ela for abordada “como uma totalidade que domina suas estruturas secundárias e lhes confere significação.” Ver *O Ser e o Nada* p.158s. O homem enquanto realidade é livre porque está desprendido de si mesmo, e aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é ou será. Para Gerd Bornheim em sua obra *Sartre* a “temporalidade é entendida como uma característica original do para-si”.

consciência sem um posicionamento, do que se pode perceber que é a consciência é o ser onde se acha a percepção do nada de ser do homem, ou seja, a sua falta, uma certa ruptura consigo mesmo que torna perceptível o que não é, o seu nada de ser. A noção de consciência que podemos encontrar em Sartre está muito próxima à noção de ego, já apresentada por nós acima, como também a compreensão do que seja o Para-si; a consciência, portanto pode ser entendida como “um ser cujo ser está em questão em ser em forma de projeto de ser” (Sartre, J-P 2000: 691) e tem como característica fundamental a intencionalidade “que estabelece a diferença entre seres conscientes e meras coisas” (Danto, A. 1978: 40). Da consciência, aqui em realção com o *cogito* cartesiano que permeia a fenomenologia de Husserl, Sartre realiza uma divisão de um ponto de vista didático, embora de fato este cisão entre as consciências seja imperceptível, são portanto, dois os níveis da consciência: A pré-reflexiva, que é consciência (de) si, trazendo o ‘de’ entre parêntesis, expressando que esta não é propriamente consciência objetiva de si como o é de uma folha ou de uma castanheira, como o Roquetin de a *Náusea*, esta é sempre e apenas consciência de si própria; já a consciência reflexiva é consciência objetiva e sempre consciência de alguma coisa externa a ela própria. Seria na expressão usada em *Esboço de uma Teoria das emoções* esta última a *irreflexão-consciência* pela qual aprendemos o problema e a primeira seria a *reflexão*, plano no qual apreendemos que nós mesmos temos que resolver o problema.

A consciência, portanto na filosofia sartreana possui um papel fundamental na formação humana já que o sujeito humano enquanto para-si, que é sempre um projeto em construção de si mesmo na busca de um Em-si que almeja ser, aqui no sentido mais profundo do *Em-si-Para-si*, um ser de tal modo que possa ser percebido como tal, daí surgiria no homem a idéia de Deus, ser *Em-si-Para-si* no qual o homem se projeta e anuncia-se na sua busca por ser consciência de si para si mesmo, este projeto humano é no entanto inalcançável e perpetuamente tendente ao fracasso. A consciência surge também como fundamental enquanto consciência de liberdade que se manifesta pela angústia da escolha de si e da responsabilidade em que esta escolha implica.

4. O homem: Semelhanças e diferenças entre a psicanálise sartreana e a freudiana.

Na psicanálise fenomenológica existencial o homem é colocado no centro da formulação teórica, ela surge exatamente como uma antropologia nas obras filosóficas e

literárias de Sartre. O homem é visto e analisado como uma totalidade que se manifesta todo e não só em parte em cada atitude, não como uma coleção de conceitos ou um feixe de desejos; Sartre sugere uma teoria que se coloque a serviço do homem e não que coloque o homem a serviço da teoria; Essa unificação do homem é irreduzível, ele é unificação de um projeto original que se revela constantemente como um absoluto não substancial, não tem o menor sentido para Sartre a redução da pessoa humana a suas inclinações, como em Spinoza, citado por este, não se deve tentar reconstituir substâncias ou atributos a partir dos modos dos mesmos. Assim a primeira atitude de Sartre frente a teoria de Freud foi de repulsa por achá-la determinista, embora não tenha entendido por completo tal determinismo, como registrado na Biografia de Sartre de John Gerassi, como também “nunca aceitou o inconsciente de Freud. Mas nunca negou a validade da investigação psicanalítica do passado de uma criança.” (Gerassi, J. 1990: 55). E crítica esse determinismo e o inconsciente já em *Esboço de uma teoria das Emoções* atacando a tentativa de explicação do inconsciente como adquirido pelo hábito, tomando como exemplo o ato de escrever, pois este não seria inconsciente pelo fato de não se ter o hábito de escrever as palavras na mesma ordem:

convém desconfiar das explicações por meio dos hábitos. Na realidade o ato de escrever não é, de modo algum, um ato inconsciente; é uma estrutura atual da minha consciência. O que sucede é que o ato não tem a consciência de si mesmo. (Sartre, J-P. 1965: 51).

Para o Sartre de *Questões de Método* o homem se caracteriza pela superação da situação em que vive, ou seja, o homem não é o que o meio faz dele ainda que possa ter influências sobre o sujeito, só o sujeito é capaz de construir sua própria determinação a partir de suas escolhas guiadas por um projeto; o homem é aquilo que faz com o que fazem com ele, e a partir de tal pressuposto que formulará seu método *progressivo-regressivo* sempre pautado por um momento de superação do sujeito sobre si mesmo. Como o próprio nome do método já apresenta ele é pautado por dois momentos fundamentais para a análise e a compreensão do humano e de suas atitudes na situação, que é como Sartre pretende trabalhar, e o faz em suas obras literárias analisando os seus personagens que muitas vezes representam aspectos de si mesmo e de sua relação com o mundo de seu tempo. O homem é, portanto um ser significativo para si mesmo e para os outros pois os seus atos não podem ser explicados apenas a partir do presente puro, mas se faz necessário superar este presente e explicá-lo pelo futuro, daí a necessidade de um novo método que diferisse do método da psicologia empírica. Neste

método é preciso dispor de compreensão, produto do fundamento dialético que explica o ato por sua significação última a partir das condições que lhe dão início, e por isso é originalmente progressivo como também regressivo, pois visa sempre um resultado objetivo que passa por um retorno a condição inicial; e é desse modo que o homem revelar-se-á pelas suas atitudes e seus comportamentos como uma totalidade, de modo que a compreensão embora tendo uma meta objetiva pode ser entendida como regressiva pelo fato de homem ser pro-jeto, ou seja, constante superação de si mesmo suscetível a mudanças a qualquer momento passando pelas possibilidades instrumentais para alcançar sua determinação, esta que equivale a seu projeto fundamental. Em uma nota de rodapé sobre as diversas experiências racionais e as relações intersubjetivas encontramos uma forte crítica à psicanálise:

A psicanálise teórica se usa do determinismo, da dialética e do 'paradoxo' no sentido kierkegaardiano da palavra. A ambivalência, por exemplo, não pode ser, no atual momento, nem considerada como uma contradição, nem tampouco como uma ambiguidade kierkegaardiana. Segundo o uso que se faz, poderia pensar-se uma contradição real, mas cujos termos se interpenetrem, ou, se se prefere, numa contradição sem oposição. Ao que me parece, o que falta aos psicanalistas é a oposição, ao menos em alguns pontos (por que há conflito dialético entre o Id, o superego e o ego). (Sartre, J-P. 1963: 149-150).

É a partir disso que podemos elaborar a afirmação de que Sartre, quando entendido como totalidade na sua obra é mais psicólogo que filósofo, não com uma psicologia empírica, mas construída com base na sua compreensão de ser um homem entre outros homens.⁴ No entanto é em *O Ser e o Nada* que Sartre desenvolve de forma melhor definida sua crítica a psicologia empírica e especificamente a alguns aspectos da psicanálise freudiana, especificamente seu determinismo, propondo algumas soluções possíveis a tais problemas. Substitui parcialmente o inconsciente por uma possível estrutura da consciência que não tem total consciência de si.

Inicialmente Sartre apresenta a relação entre sua teoria e a de Freud, destacando alguns pontos em comum, destes o que cabe mais destaque é o fato de que “buscam, ambas, uma atitude fundamental em situação que não poderia expressar-se por definições simples e lógicas” (Sartre, J-P 2000: 697) além de ambas considerarem a condição humana num constante processo de historização, ou seja o sujeito é visto a partir da situação na qual está

⁴ A este respeito é de grande valor a obra de Annie Cohen-Solal publicada em parte pela L&PM em 2005, que apresenta Sartre a partir das relações que este travara com o mundo de seu tempo, desde os tempos de um Sartre desinteressado até aos tempos de engajamento político e nas lutas sociais.

inserido, como também não consideram a existência de dados primordiais, tais como inclinações hereditárias na formação do sujeito de modo a ressaltar a capacidade do sujeito de se auto-construir, outro fator que Sartre considera ter em comum com a teoria freudiana é o fato de ambas questionarem o homem a partir de uma situação. O grande choque entre as duas teorias psicanalíticas dar-se-á na recusa do inconsciente por Sartre e a afirmação de que este representaria uma tentativa de tirar do sujeito a responsabilidade por seus atos e por isso é assemelhada a uma atitude de má-fé, pois o fato psíquico é co-extensivo à consciência. Em sua psicanálise Sartre recusa qualquer tipo de coisa que possa anteceder a liberdade humana.

Outro grande embate de Sartre em relação à teoria psicanalítica de Freud se dá em relação a formação do sujeito, que em Freud se dá de modo especial num processo até a idade aproximada de seis anos enquanto para Sartre o sujeito não para seu processo de desenvolvimento, a não ser após a morte, pois ele é sempre um projeto contingente de si mesmo sujeito a mudanças a qualquer momento, mudanças estas que se dariam através das escolhas e corresponderia a uma busca por uma determinação baseada na própria falta de ser do sujeito. Quando pensa a sua psicanálise Sartre pensa uma forma que não coloque somente em risco o paciente como também o analista, fazendo o perceber-se como ser humano livre que é e capaz de construir-se a si mesmo através da busca de compreender e desvelar o projeto fundamental que guia o sujeito em questão nas suas escolhas, em meio a infinitude de projetos possíveis e homens possíveis de modo que o mesmo método usado em um sujeito em um determinado tempo e situação não pode ser usado em outro sujeito ou ainda no mesmo em uma situação diferente por que não visa a descoberta de um estado, mas a compreensão de uma escolha do sujeito.

O papel do analista começa por guiar o sujeito/paciente a uma iluminação do que este e de fato, não tentando encaixar o sujeito dentro de um determinado quadro de teorias. Aqui é mais importante o sujeito/paciente que o psicanalista, pois a interpretação psicanalítica faz com que o sujeito tome conhecimento de seu ser, daí “*reivindicar como decisiva a intuição final do sujeito*” (Sartre, J-P 2000: 702) através de uma compreensão pré-ontológica e fundamental da pessoa humana por meio de um trabalho propriamente hermenêutico que decifra, determina e conceitua o homem, totalidade que se revela em suas atitudes, visando elucidar de forma objetiva a escolha subjetiva de cada pessoa pela qual o sujeito se faz como tal anunciando-se a si mesmo enquanto aquilo que é.

5. *Considerações Finais.*

Sartre assim como Freud se dedica ao longo de sua vida e de sua obra a sua paixão pelo ser humano, que resultará na elaboração de uma vasta que passa pela filosofia, literatura, teatro, crítica literária, biografias, crítica política nas quais muitas vezes perpassam críticas e reflexões sobre a psicologia, que incluem a apresentação de uma teoria que se posiciona como uma alternativa a psicanálise freudiana.

Ao longo de sua obra Sartre se foi aprofundando cada vez mais no seu estudo sobre o homem e a consciência, que já em suas primeiras obras ele analisara, passando por estudos das concepções da psicologia empírica, dentre as quais a teoria de Freud, de quem este considerou grande parte como uma espécie de fuga de si mesmo.

Dentre as concepções freudianas criticadas por Sartre está a de inconsciente, que este nunca aceitou embora nunca a tenha entendido por completo, outro ponto em que ele apresentou críticas Freud é o aspecto da libido, considerado por Sartre como uma espécie de abstração que pudesse explicar o complexo fundamental da escolha de ser. É desse modo que damos destaque a psicanálise freudiana como um pressuposto para uma melhor compreensão da teoria sartreana, dado principalmente que esta é constituída a partir de inúmeras críticas a maneira de pensar o homem pelo médico e teórico vienense.

Freud ao apresentar sua noção de consciência, e foi esta a nossa pretensão ao apresentar inicialmente a teoria freudiana; coloca-a como algo totalmente submetido a ação inconsciente o que na psicanálise existencial é inaceitável pelo fato de o homem ser considerado totalmente livre e autônomo. Pretendíamos apresentar a tese freudiana antes de apresentar a crítica elaborada por Sartre com a qual estamos de acordo por considerar o homem como um ser autônomo capaz de realizar a sua liberdade na situação em que vive transformando-a em seu favor.

Outro fator que merece grande relevo em nosso trabalho é a mudança de olhar provocada por Sartre a partir de sua “alternativa possível” à psicanálise empírica, alternativa que ele mesmo não considera como definitiva, nem mesmo considera fundá-la, sua missão é apenas mostrar que existe uma alternativa e que esta é possível. No entanto a partir de sua idéia que se constitui como uma nova forma de compreender o homem, não como algo que se pode determinar, mas exatamente como algo que precisa ser compreendido a partir de suas escolhas e atitudes em situação, ou seja fora de qualquer tipo de determinação pois o homem

não consultará nenhuma espécie de teoria para escolher-se a si mesmo, e se o fizer estará se objetivando e portanto deixando de assumir seu papel de autor de sua própria existência.

Sartre pretendia com sua alternativa psicanalítica não só estudar a consciência, que de certo modo opõe ao inconsciente, mas toda a realidade humana na perspectiva de compreender o ser humano em toda a sua complexidade estendendo seus estudos além dos realizados por Freud. Guiando sua teoria pelo estudo dos sonhos, dos atos falhos, das neuroses, valorizando sobretudo os pensamentos despertos, os atos realizados e adaptados a situação e o estilo do sujeito, crucial na compreensão.

Sartre não considera-se o fundador de uma nova teoria, ele mesmo afirma que “*esta psicanálise ainda não encontrou o seu Freud [...] para nós o que importa é que seja possível.*” (Sartre, J-P 2000: 703). No entanto Sartre procurará apresentar os resultados de sua teoria ao longo de suas obras realizando até mesmo uma auto-análise em *As Palavras*, obra em que trata de algumas de suas escolhas pessoais que se deram durante a sua infância, como também através da análise de outros personagens, tais como Flaubert em *O Idiota da Família* ou *Saint Genet* em obra com título homônimo. Esse tipo de análise se fará presente em todas as suas obras e não somente nas biográficas, como em *Caminhos da liberdade* onde analisa as atitudes de um jovem professor de filosofia e sua relação com os outros e com sua própria liberdade. Se fará presente também em *A Náusea* onde estuda o sentimento de abandono a si mesmo vivido por Roquetin diante da responsabilidade diante das escolhas de si mesmo, dos outros e do mundo com o qual se realciona.

Outro aspecto que pretendemos destacar nessa mudança de perspectiva de olhar para o homem na filosofia e na psicanálise existencial de Sartre está no momento em que este passa a consideração de que o homem é plenamente livre na sua condição de existência, considerando-o, portanto sujeito-autor de sua própria história, não sujeito a leis pré-determinadas em sua formação, mas agora um sujeito em situação que pode a partir de sua consciência de si construir sua liberdade e autonomia, sendo assim responsável diante do mundo e principalmente de si mesmo, por suas escolhas de si e do mundo que constrói com os outros, enquanto é um projeto e é escolha de si no mundo como sujeito, o que é absolutamente singular para cada sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS MUÑOZ, J.A. Jean Paul Sartre y la Dialéctica de la Cosificación.** Madri: Cincel, 1987.
- BORNHEIM, GERD A. Sartre.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURDZINSKI, Júlio C. Má-fé e autenticidade.** (Coleção ensaios, política e filosofia). Ijuí: Ed. UNIJUI, 1999.
- COHEN-SOLAL, Annie. Sartre.** Porto Alegre: L&PM, 2005.
- DANTO, Arthur C. As Idéias de Sartre.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise.** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GERASSI, John. Jean-Paul Sartre: consciência odiada de seu século.** Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1990. V.1.
- MOTENEGRO, M. A. Pulsão de Morte e Racionalidade no Pensamento Freudiano.** Fortaleza: Editora UFC, 2002.
- NUTTIN, Joseph. Psicanálise e Personalidade.** 2.ed. Rio de Janeiro – RJ: Agir, 1958.
- POPPER, Karl R. A Lógica da Pesquisa Científica.** 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SANTOS BELO, Renato dos. Apontamentos acerca da ontologia da consciência em Sartre.** In: O Drama da consciência Estudos sobre o pensamento de Sartre. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p.19-60.
- SARTRE, Jean-Paul. A Náusea.** Rio de Janeiro – RJ: Nova Fronteira, 1986.
- _____, **A transcendência do Ego.** Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- _____, **Crítica de la Razón Dialéctica.** 2. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1963.
- _____, **Esboço de uma teoria das emoções.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar editores, 1965.
- _____, **O Ser e o Nada,** Ensaio de ontologia fenomenológica. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SCHULTZ, Duane e Sydney. Teorias da Personalidade.** São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.